

AS PERCEPÇÕES DA AFETIVIDADE E DO MOVIMENTO DE HENRI WALLON NO ENSINO DA GEOGRAFIA ESCOLAR

Ian Moura Martins¹
Maria Janailde Caldas²
Teresa Cantanhede Borges³

RESUMO

O presente resumo tem como objetivo geral estabelecer a relação entre os conceitos de Afetividade e Movimento elaborados por Henri Wallon com o ensino da Geografia escolar, a fim de apresentar esses conceitos como importantes na condução de um trabalho docente que possibilite ministrar aulas que sejam mais eficientes, eficazes e dinâmicas. A construção dessa reflexão se deu por meio de uma revisão de literatura de ambos os conceitos do autor mencionado. Salienta-se que esses conceitos estão intrinsecamente relacionados com a Psicologia do Desenvolvimento, esta que por sua vez, tem focado em seus estudos, principalmente para o desenvolvimento da criança, do adolescente e mais recentemente na velhice. Assim como outros estudiosos da Psicologia do Desenvolvimento, os estudos de Wallon (2008) também estão direcionadas as condições materiais do desenvolvimento da criança no que tange as condições orgânicas e às exigências sociais que desencadeiam o desenvolvimento psíquico, pois segundo este, a criança é a gênese dos processos psíquicos e é através dela é que se pode conhecer o adulto.

Palavras-chave: Geografia escolar. Desenvolvimento. Afetividade. Movimento.

INTRODUÇÃO

Discorrer sobre o Ensino de qualquer que seja a disciplina; analisar as dificuldades de ensino-aprendizagem encontradas no ambiente escolar; apresentar formas de melhorar e de superar alguns entraves persistentes na escola em qualquer nível ou em instituição (privada ou pública); transformar as aulas escolares, em aulas que sejam mais interessantes, dinâmicas, perceptivas e que permitem aos alunos "transcenderem" do ambiente físico da sala de aula, podem se tornar um desafio para qualquer docente ou profissional dedicado à área educacional.

¹ Graduando do Curso de Geografia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Edafologia e Pedologia (GEPEPE) e do Laboratório de Geotecnologias e Análise Espacial (GEOPRO) da UFMA, ianmoura.44@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Geografia da Universidade Federal do Maranhão - UFMA, membro do Laboratório de Geotecnologias e Análise Espacial (GEOPRO) da UFMA, janaildecaldas@hotmail.com;

³ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Saúde e Ambiente da Universidade Federal do Maranhão, membro do Grupo de Estudo e Pesquisa em Edafologia e Pedologia (GEPEPE), teresacatanede09@gmail.com.

Essa orientação para o ensino e aprendizagem da Geografia não é diferente. Principalmente, porque nos últimos decênios, ainda é apresentada como uma disciplina enumerativa com base na memorização. A instrumentalização da disciplina de Geografia se consolidou de maneira compartimentalizada e mecânica, sendo o professor o detentor desse conhecimento “geográfico”, que em muito, não se correlacionava com a realidade dos alunos, pois não se pensava no contexto social destes para a construção do conhecimento.

Tendo em vista, que a Geografia, por sua natureza e objeto de estudo, tem como função explicar os fenômenos sociais e naturais segundo o aspecto espacial, propondo uma análise das múltiplas interações entre homem e natureza, ou seja, a Geografia é um campo de estudo amplo e diversificado, que tem como seu objeto de estudo o espaço geográfico, que por sua vez, configura como a interrelação entre homem e natureza ou sociedade e ambiente (SANTOS, 2010).

A Geografia enquanto disciplina legitimada pela instituição escolar se deu no século XIX, surgindo na Alemanha como ferramentas no projeto de construção do Estado Nacional Alemão. No contexto brasileiro, a Geografia enquanto disciplina se institucionalizou na década de 30 e um dos fatores que contribuiu para esse processo, foi a criação do curso de Geografia e História na Universidade de São Paulo (USP) em 1934, a criação da Associação dos Geógrafos Brasileiros (AGB) e três anos depois, a fundação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), (SANTOS, 2010).

Ressalta-se que, a Geografia escolar deve ser entendida como tudo o que é produzido para, por e no ambiente da escola e da própria disciplina de Geografia, observando que, de forma alguma, ela deve ser indissociável dos outros espaços de formação, sendo, pois, um lugar de convergência tensa e criativa de visões produzidas pelas mais diversas instâncias culturais. A Geografia enquanto disciplina não deve se prender meramente a fatores de ordens naturais, mas deve contextualizar o meio de estudo levando em consideração os fatores culturais, sociais, econômicos, entre outros (GONÇALVES, 2010).

Mas o ensino de caráter tradicionalista, valorizava o ambiente de sala de maneira hierarquizada e o modelo de organização das salas obedecia a um padrão de “educação bancária” – onde o professor fica à frente falando e os alunos ficam sentados somente ouvindo – , ou seja, no processo de ensino o docente é visto como ser ativo e os discentes são seres passivos (FREIRE, 2011). Todavia, os avanços nos campos pedagógicos demonstram que os alunos aprendem bem mais quando se movimentam (podendo ser realizado dentro e fora da sala de aula), sendo que, as aulas de campo são ferramentas interessantes de serem adotadas para melhor assimilação das temáticas curriculares.

Além disso, nesse ensino tradicionalista, o aluno é visto enquanto mero receptor, não tinha “poder de contestação” e sua realidade ficava em segundo plano, assim, como as suas vivências e histórias de vida, carregados de sentimentos e emoções. Sobre esse ponto de vista, o consecutivo trabalho tem como base teórico-metodológica o Psicólogo do Desenvolvimento Henri Wallon, que por sua vez, destacou-se por enfatizar a importância das emoções no ambiente educativo; defendia que a escola deveria promover uma formação integral do aluno (formação afetiva, intelectual e social), além da importância do movimento para assimilação do conteúdo. Mas, deve-se adiantar que estes sentimentos não podem ultrapassar a barreira da ética profissional e moral, por ambos os atores sociais (alunos e professores).

Sobre essa análise de reflexão, entre a afetividade e o movimento no ensino da Geografia, o trabalho tem como objetivo geral apresentar aos docentes, especialmente aqueles que se dedicam a ensinar e aprender essa disciplina, que o movimento pode tornar a aula dinâmica e também mostrar que uma das maneiras de conquistar os alunos a gostarem da disciplina supracitada é utilizando a afetividade.

METODOLOGIA

O processo de construção do presente trabalho partiu de uma revisão da literatura que de acordo Alves-Mazzotti (2002), permitiu a configuração de uma contextualização do problema e a análise das possibilidades presentes na literatura consultada para a concepção do referencial teórico da pesquisa. Com base nessa ideia, buscou-se a conceituação e percepção da Afetividade e Movimento propostos por Henri Wallon (2008) de maneira observacional no ensino da Geografia enquanto disciplina e outras obras literárias (livros, artigos, dissertações de mestrado) para o embasamento científico do trabalho.

Quem era Henri Wallon?

Henri Paul Hyacinthe Wallon nasceu na França em 1879 e graduou-se em Medicina, Filosofia e Psicologia. No ramo da Medicina, dedicou-se a Psiquiatria, depois conduziu os seus estudos para a Psicologia e posteriormente para uma Pedagogia politicamente comprometida. No campo da Psicologia, ele direcionou seus estudos com foco na inteligência e no desenvolvimento infantil integral - nas dimensões afetivas, cognitivas e motoras-, tecendo críticas às concepções que reduzem a uma dessas dimensões o desenvolvimento humano. Vale destacar que em suas formulações teóricas, Wallon utilizou o materialismo dialético como

(83) 3322.3222

contato@conedu.com.br

www.conedu.com.br

fundamento filosófico e como método de análise, buscando compreender o real numa perspectiva multifacetada e dinâmica, em suas permanentes mudanças e transformações (PILETTI, 2015).

Nas suas construções teóricas, o autor supracitado buscou conhecer o adulto por meio da criança, através de uma psicogenética, sugerindo que o estudo do desenvolvimento infantil adotasse a criança como ponto de partida para entender o adulto (PILETTI, 2015). O desenvolvimento proposto por Wallon se dá por etapas que se diferenciam por suas características, sendo que, em sua sucessão “ordenada”, cada uma constitui preparação para as que se seguem e todas apresentam tipos particulares de interações entre a criança e o ambiente. Cada estágio apresenta idades e durações variáveis e relativas, em razão das características individuais e das condições de existência. O que predomina é a busca pela identidade própria e o caminhar para o mundo adulto. Wallon deixou um legado literário importante para o ramo educacional (PILETTI, 2015).

4. RESULTADOS E DISCUSSÕES

Quando se pensa na palavra “afetividade” automaticamente associa-se a um sentimento “positivo” que é cativado entre dois ou mais seres. No âmbito da Psicologia, a afetividade pode ser entendida como um conjunto de todos os nossos sentimentos - emoções, humores, paixões -, “positivos” ou “negativos” (WALLON apud PILETTI, 2015).

Conforme destaca Wallon apud Piletti (2015, p. 104):

A afetividade é vista como uma linguagem antes da linguagem, pois o ser humano se comunica com o outro desde sempre é, pois, geneticamente social”; ou seja, a afetividade é o primeiro e mais forte vínculo que interliga os indivíduos, sendo também a sua primeira comunicação.

Com destaque para a comunicação primitiva e emocional que se inicia no estágio denominado por Wallon de Impulsivo-Emocional (que vai de zero até um ano de idade), neste estágio a afetividade reduziu-se praticamente às manifestações fisiológicas da emoção que tem o efeito de mobilizar a mãe para suprir assim, as necessidades do bebê, ou seja, a primeira comunicação do “ser” inicia-se no estágio que vai de zero até um ano e neste estágio o bebê para conseguir suprir suas necessidades fisiológicas ele utiliza o choro com o efeito de mobilizar a sua progenitora (WALLON apud PILETTI, 2015).

Pode-se entender por afetividade como sendo um sentimento de caráter terno que liga pessoas a algo ou a alguém; no ensino da Geografia ou qualquer outra disciplina não deve ser diferente, deve-se existir este sentimento de caráter profissional e acadêmico, pois este se torna um elo benéfico que uni o professor e o aluno. Para Santos (2012, p. 76) “os alunos normalmente gostam de professores que se importam com eles, interessam-se pelas construções de cada um, por seu ritmo de aprendizagem, suas dúvidas, seu crescimento”; todos os que passam pela vida acadêmica sempre tem um docente que se identificam mais, seja pela disciplina que ele (profissional) ministra ou por ser um exemplo como ser humano.

Afinal, uma aula se torna mais divertida e dinâmica quando o professor além de conhecer a disciplina que ministra, se preocupa com o processo de ensino-aprendizagem de cada um de seus alunos. Claramente, esta preocupação não pode ultrapassar a barreira da ética moral e profissional do docente.

É salutar que o professor de Geografia se importe e conheça a realidade dos seus alunos; como por exemplo, perguntar se o aluno gostou ou se identificou com a aula ministrada; se ele conseguiu fazer alguma associação entre aula e sua vivência; ao perceber que o aluno está passando por “dificuldades” é interessante que o professor oriente o seu aluno para um profissional (psicólogo, psicopedagogo entre outros) ou dependendo da situação comunique aos seus familiares, sendo respeitado o tempo e o espaço de cada aluno.

Recomenda-se também que o docente ofereça a possibilidade para os seus alunos de escolherem temáticas que acham interessantes e que sejam relacionadas ao contexto da aula. A partir do momento que o professor conhece os seus discentes, ele deve elaborar e traçar planos e utilizar metodologias de ensino ativas que facilitem o processo de ensino-aprendizagem; valendo-se da afetividade como uma ferramenta didática que o permite perceber e conhecer as habilidades e competências ou dificuldades dos seus alunos (OLIVEIRA, 2005).

Tomando como partida, o entendimento da realidade dos alunos, o professor passa a incluir em sala de aula às vivências destes, por meio de exemplos que sejam mais gerais (exemplos que abrangem a cidade em si) ou específicos (exemplos que abrangem os bairros, moradias ou conjunto habitacionais). E partir daí, use essas realidades como objeto de investigação e de análises críticas, para que seus alunos percebam que os conteúdos trabalhados em sala de aula podem sim ser percebidos em seu cotidiano (GURGEL, 2016).

E conforme acrescenta Santos (2012) a conduta do professor de inserir o cotidiano do aluno na interpretação de fenômenos da Geografia pode ser interpretada como respeito ao aluno, seu ambiente e suas construções anteriores; ou seja, a partir do momento em que o professor conhece a realidade dos seus discentes e faz uma articulação entre o que foi ensinado em sala

de aula ao cotidiano destes, o ensino da geografia torna-se mais interativo, fácil e compreensível por ambas as partes.

Além da afetividade, o movimento também é importante no e para o processo de ensino-aprendizagem. Sendo necessário para o desenvolvimento físico e mental de todos os seres, principalmente no desenvolvimento das crianças, pois nesta fase da vida que se tem a descoberta e exploração dos espaços físicos (WALLON apud PILLETI, 2015).

O movimento começa desde a vida fetal, sendo que por volta do quarto mês de gravidez que os primeiros deslocamentos ativos da criança são percebidos pela mãe. O bebê desde o seu período fetal movimenta-se e a partir da 16 semana de gravidez a mãe conseguiu sentir em seu ventre esses movimentos (podendo ser por meio de pequenos chutes), o que acaba se tornando um meio de comunicação entre o feto e a mãe (WALLON, 2010). Fernandes (2008, p. 14), ainda acrescenta que as crianças desde que nascem:

“Se movimentam e é através do movimento que elas adquirem cada vez mais controle sobre seu próprio corpo e interagem com o mundo que as cerca, já que com o movimento as crianças expressam sentimentos, emoções, pensamentos, ampliam os gestos e as posturas corporais. Sendo assim, o movimento vai além do que o simples fato de deslocarmos o corpo no espaço. O movimento está ligado à expressão manifestando desejos, estados íntimos e necessidades”.

Além de interagir com o mundo, os movimentos são de grande importância biológica, psicológica e social, sendo fundamentais no processo de amadurecimento físico quanto mental. Ressalta-se que, a dimensão motora na construção teórica de Henri Wallon é associada ao segundo estágio do desenvolvimento classificado por ele, como “Sensório-Motor e Projetivo” (que vai até os três anos de idade), é caracterizado pela exploração dos objetos e dos espaços físicos e ampliação da autonomia da criança pela aquisição da preensão e da marcha, ou seja, até os três anos de idade as crianças passam a explorar e conhecer os espaços físicos aonde estão e os seus brinquedos, além de começarem a dar os seus primeiros passos (WALLON apud PILLETI, 2015).

Porém, deve ser respeitado o tempo de cada criança em realizar os seus movimentos, pois caso contrário, a criança poderá sofrer sérias consequências, como por exemplo, atrasos no seu desenvolvimento intelectual, físico e mental. Por essa razão, muitos especialistas (como os pediatras e neurologistas) não recomendam o uso de objetos que acelerem o processo de movimentação da criança; é melhor deixá-la livre (SMS, 2012).

Nesse sentido é importante que o professor não se “prenda” somente ao espaço físico da sala de aula para trabalhar os conteúdos escolares, mas também deve demonstrá-lo fora dela;

uma metodologia didática que pode ser usado nessas situações, são as aulas de campo/aulas práticas, que por sua vez, possibilitam aos alunos visualizarem e entenderem melhor o conteúdo que foi ensinado em sala de aula, dando-lhes a oportunidade de explorar melhor o espaço que vai ser estudado como, por exemplo, o relevo de determinado ponto da cidade, entender o funcionamento socioeconômico e a organização espacial de uma área urbana, entre outros.

Há estudos que comprovam que os alunos aprendem mais quando vão á aulas de campo, vendo de perto a teoria na prática, principalmente quando trabalhamos com “aspectos físicos”, como relevo, hidrografia entre outros (WALLON apud PILLETI, 2015). Mas como fazer essas aulas se não à disponibilidade de tempo do professor, as aulas têm um curto período de tempo e há outras intempéries encontradas no ambiente escolar?

Nessa ocasião, o papel do professor criativo é fundamental e dependendo da situação pode usar o próprio ambiente físico da instituição de ensino como, por exemplo, conhecer a área em que a escola foi construída ou a vegetação que têm nela. Corroborando com esta ideia, Yasuko; Passini; Malysz (2007, p. 173) destaca que:

“o estudo do meio, diferentemente do estudo estático baseado em livro didático, provoca ainda um maior interesse por parte dos alunos em aprender, observando e fazendo leituras do espaço geográfico com sua dinâmica, diversidade e conflitos”.

A partir do momento em que o professor de Geografia utiliza-se de aulas que sejam práticas, além de tornar a sua aula mais divertida e interessante, ele consegue proporcionar aos seus alunos uma melhor contemplação e experimentação do espaço que foi estudado ou o meio em que estão inseridos (podendo ser a própria escola ou até o meio que vivem: urbano ou rural) e também perceber que o assunto ensinado em sala de aula pode ser sim percebido em a suas realidades locais (WALLON apud PILLETI, 2015).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Depois dos fatos mencionados, foi perceptível a associação entre os entendimentos de Afetividade e Movimento elaborados por Henri Wallon ao ensino da Geografia enquanto disciplina. Para que isso aconteça, faz-se necessário inicialmente que o professor conheça as dificuldades e facilidades e mantenha uma relação de afetividade profissional e ética recíproca com seus respectivos alunos, elaborando para isso, planos, objetivos e metas que viabilizem o ensino da Geografia a todos, respeitando o tempo e o espaço de cada um.

E, além disso, deve-se tomar sempre que possível à realidade local como ponto de partida e objeto de investigação para as análises críticas (promovendo assim uma visão holística para seus alunos), articulando os assuntos ensinados em sala de aula ao cotidiano deles, por meio de aulas que sejam práticas, dinâmicas e interativas, resultando assim, em aulas com percentuais positivos de interesse, motivação, desempenho e aprendizado.

Ressalta-se que, apesar de se ter trabalhos e discussões acerca de ambas as temáticas, muitas questões ainda precisam ser melhoradas e até mesmo aprofundadas. Que as discussões aqui elencadas, não fiquem somente no papel e que não devam ser vistas como verdades absolutas, afinal o conhecimento e a ciência vão sendo aperfeiçoados a cada momento, sempre buscando inovar na medida do possível, principalmente para todos aqueles que se comprometem no ato de ensinar, dedicando-se e ajudando na formação de seres curiosos, que buscam, que se movimentam, que descobrem e se autodescobrem a cada dia a sua função enquanto cidadão do mundo.

REFERÊNCIAS

- ALVES -MAZZOTTI, A. J. **O método nas ciências sociais**. In: ALVES -MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. O método nas ciências naturais e sociais: pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 50ª ed. São paulo: Paz e Terra, 2011.
- GONÇALVES, A. R. A Geografia escolar como campo de investigação: história da disciplina e cultura escolar. **Revista Bibliográfica de Geografía y ciencias sociales**. Vol. XVI, nº 905, Universidade de Barcelona, 2010.
- GURGEL, T. C. N. P.; SILVA, C. N. M. Geografia acadêmica e geografia escolar: Entorno de uma aproximação teórico- conceitual. **III Congresso Nacional de Educação**. Natal- RN, 2016.
- OLIVEIRA, A.U, et al. **Para onde vai o ensino da geografia**. 9. ed. São Paulo: Contexto, 2005.
- PILLETI, N.; ROSSATO, S. M. **Psicologia da aprendizagem**: da teoria do condicionamento ao construtivismo. 1. ed. 4ª impressão. São Paulo: Contexto, 2015.
- SECRETARIA MUNICIPAL DE SAÚDE DO ESTADO DE SÃO PAULO. Manual técnico: **Saúde da Criança e do Adolescente nas Unidades Básicas de Saúde**. / Secretaria da Saúde, Coordenação da Atenção Básica/Estratégia Saúde da Família. – 4. ed. - São Paulo: SMS, 2012.
- SANTOS, L. P. **O ESTUDO DO LUGAR NO ENSINO DE GEOGRAFIA: OS ESPAÇOS COTIDIANOS NA GEOGRAFIA ESCOLA** (Dissertação de mestrado). Programa de Pós-Graduação em Geografia, Rio Claro: 2010.

SANTOS, L. P. A relação da Geografia e o conhecimento cotidiano vivido no lugar. **Geografia Ensino & Pesquisa**, vol. 16, n. 3. 2012.

YASUKO, E. P.; PASSINI, R.; MALYSZ, S. T. (org). **Práticas de ensino da geografia e estágio supervisionado**. São Paulo: Contexto, 2007.

WALLON, H. **Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada**. Petrópolis: Vozes, 2008.